



A COMPREENSÃO DAS CATEGORIAS SENTIDOS E SIGNIFICADOS PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Ingrid David dos Santos¹

Silvia Alves dos Santos²

RESUMO

O presente trabalho é resultante da pesquisa realizada na condição de bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária. Nesse percurso estudamos sobre os sentidos e significados do trabalho para a formação humana. Tivemos como problema a tentativa de responder conceitualmente sobre as categorias sentidos e significados. Nosso objetivo foi levantar esses conceitos à luz de uma bibliografia cujas bases teóricas se concentraram na perspectiva marxista. Destacamos que o estudo aqui empreendido teve especial relevância, possibilitando a compreensão de conceitos primordiais para a formação humana, de modo a contribuir com a ampliação do debate sobre essa temática. Conceitualmente, podemos destacar ainda, que esse estudo foi relevante para aproximarmos essa temática ao cotidiano de trabalho de professores da educação básica e do ensino superior, mediante o uso de depoimentos, disponíveis a partir das pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Educação e Marxismo na Universidade Estadual de Londrina. Nesse texto discutimos que, para muitos professores, o sentido e o significado do trabalho estão permeados pela cultura produtivista, polivalente, mostrando-nos que no modelo capitalista a formação humana é orientada pelos interesses do capital e que, portanto, os sentidos e significados do trabalho ao invés de serem meios para a emancipação e formação dos sujeitos, passam a ser elementos usados para a intensificação e precarização do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Sentidos. Significados. Trabalho docente. Formação humana.

¹ Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina. Foi bolsista pela Fundação Araucária (Período de 2017-2018). E-mail: ingridavidsantos.id@gmail.com

² Professora doutora no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. Área de Políticas e Gestão da Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Marxismo. E-mail: sillalves@uel.br

**Introdução**

O estudo aqui desenvolvido é resultado de um trabalho mais amplo de pesquisa no âmbito do Programa de Iniciação Científica, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina, bem como a contribuição de nossa participação como membro do Grupo de pesquisa Educação e Marxismo nesta mesma universidade. Os fragmentos de depoimentos utilizados neste texto foram dispostos pelo banco de dados do Grupo de pesquisa (oriundos de projeto de pesquisa nesta instituição, cujos sujeitos deram ciência através de termo de consentimento livre e esclarecido) e analisados à luz de uma abordagem crítico-dialética (Gamboa, 1989). O objetivo desse ensaio é discutirmos as relações entre sentido e significados do trabalho entre professores da universidade pública e da escola pública da rede básica de ensino, considerando as mudanças vivenciadas nos respectivos ambientes de trabalho nos últimos dez anos.

Segundo Leontiev (1978), a consciência humana é resultado da superação do instinto biológico, das condições e relações sociais do homem com o mundo e com outros homens e da atividade do trabalho, o que torna possível a vida humana. Na consciência humana, há o atrelamento de conteúdos sensíveis, da significação e do sentido pessoal.

A significação são sínteses das ações sociais conjuntas, absorvidas por meio da interação do sujeito com o meio que o cerca. A significação também é histórica, construída com o passar das gerações, e reflexo da realidade generalizada em que o homem se relaciona, tendo como exemplo, a linguagem. Conquanto, as significações se modifiquem constantemente, ela está pronta quando o sujeito nasce, cabendo-lhe apropriar-se (LEONTIEV, 1978).

O sentido é a relação criada pelo homem, por meio da sua interação com o ambiente que gera uma ação e o resultado dessa ação. Primeiramente, esta relação é biológica e exterior ao homem, apenas após internalizar esta relação, o sentido é criado. Segundo Leontiev (1978), o sentido não é puro, todo sentido é sentido de alguma outra coisa, sendo o sentido de uma significação.

O vínculo entre significação e sentido está nas suas ações de trabalho. Sabendo que o sentido depende de um motivo, o motivo esse de sobrevivência incita o homem a trabalhar. O



trabalho é uma atividade de construção humana e coletiva. O conceito de trabalho segundo a teoria marxista é a atividade desenvolvida pelo homem, onde ele emprega sua força de trabalho modificando a natureza para a produção de meios para sua sobrevivência, assim como é instrumento para a realização plena do indivíduo. Desse modo, o trabalho é o bem mais precioso do homem. Mas também adquire duplo sentido no capitalismo. Quando o trabalhador deixa de ser o beneficiário total da sua produção e passa sua mercadoria (trabalho) a outro, contribui assim para sua alienação, para sua consciência alienada (SAVIANI, 2005).

Para os capitalistas, a valorização do trabalho ocorre a partir da existência da propriedade privada e obtenção de excedente por meio da mais-valia (o lucro). Já, no pensamento marxista o trabalho mercadoria (Marx, 1993), defendido pelos detentores do capital, não tem valor ou sentido para o trabalhador que se vê impedido de exercer sua liberdade e criatividade no trabalho exercendo suas funções com um sentimento de estranheza perante o todo, ou seja, alienado. Assim, o sentido do trabalho, por sua atribuição psicológica e social, varia, na medida em que deriva do processo de atribuir significados e se apresenta associado às condições históricas da sociedade. É um construto sempre inacabado (TOLFO; PICCININI, p.41, 2007)

Aqui, diante do duplo sentido do trabalho, reforça-se a importância do papel da escola pública, no esclarecimento de sua real função como espaço privilegiado historicamente de difusão de uma cultura mais elevada socialmente, com a apropriação de tudo o que de melhor a humanidade organizou e sistematizou na forma de conhecimentos científicos.

Um dos maiores enigmas humanos está no significado de ser homem. Leontiev em sua obra *O Homem e a Cultura* (1978) manifesta alguns esclarecimentos a respeito do tema, compreendendo que o homem é social, isto é, fruto da sua relação entre a sociedade e a cultura e que se difere dos animais na medida em que sua vida é organizada com base no trabalho e nas leis sócio-históricas, sendo que os animais são movidos apenas pelas leis biológicas. O ser humano não se ausentou das modificações e aquisições culturais desde o início da raça humana, entretanto, para que pudessem crescentemente evoluir, era necessário passar de geração em geração essas aquisições, sendo necessário que se fixassem, tornando-os fenômenos externos da cultura por meio do trabalho (LEONTIEV, 1978).

A escola dispõe da importante função de transmitir os conhecimentos acumulados historicamente, tornando compreensíveis os significados e os sentidos dos conhecimentos e instituindo o sentido de apropriar-se de determinados tipos de conhecimentos. No entanto, nas atribuições do cotidiano escolar/universitário do trabalho docente, é visível o acúmulo de tarefas e a falta de tempo para a realização de todas as atividades que são exigidas. Essa



intensificação do trabalho docente dificulta a compreensão dos sentidos e significados do trabalho como elementos imprescindíveis para a formação humana, no sentido de preparar sujeitos mais comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e humanizada e que tem na escola o espaço privilegiado para contribuir com tal objetivo.

Desse modo objetivamos neste texto, discutirmos os conceitos de sentido e significado a partir da obra O desenvolvimento do psiquismo de Leontiev (1978) e relacionarmos esses conceitos às práticas do trabalho docente seja na escola pública da rede básica de ensino ou na universidade.

Revisando os conceitos de sentidos e significados do trabalho

Para revisarmos os conceitos de sentidos e significados do trabalho é necessário entendermos os conceitos em si. O conteúdo sensível são as sensações, as imagens, representações que absorvermos espontaneamente, tornando possível uma base e condições para processos psíquicos mais complexos. “Por trás dos significados, deve ser vista uma prática social, uma atividade que se transformou e se cristalizou neles” (MARTINS, 2004).

Segundo Leontiev (1978, p.96),

A significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento, esse precursor material da significação. O fato propriamente psicológico, o fato da minha vida, é que eu me aproprie ou não, que eu assimile ou não uma dada significação, em que grau eu assimilo e também o que ela torna para mim, para a minha personalidade; este último elemento depende do sentido subjetivo e pessoal que esta significação tenha para mim.

A significação é própria do indivíduo. Leontiev no livro o Desenvolvimento do Psiquismo (1978), traz o exemplo dessa particularidade, explicando que a compreensão do triângulo do indivíduo, não necessariamente será a mesma da geometria.

A significação, enquanto fato da consciência individual, não perde por isso o seu conteúdo objetivo; não se torna de modo algum uma coisa puramente (psicológica) (LEONTIEV, 1978. p.95).

De fato, a apropriação de certas significações se sujeita do sentido. Para Leontiev, o sentido não é puro, todo sentido é sentido de alguma outra coisa, sendo o sentido de uma



significação. Ainda que emparelhados, se originam de forma distinta e também seguem preceitos distintos. Asbahr (2014) descreve as diferenças dos sentidos e significados, tendo os significados como mais estáveis, já os sentidos variam de acordo com a vida do sujeito. Outra diferença existente entre sentidos e significados, decorre por meio do modo de produção capitalista, chamada consciência alienada.

Para o trabalhador, o sentido do trabalho não é produzir os bens para a satisfação das necessidades humanas, mas sim, ganhar um salário que possa garantir a sua sobrevivência, mesmo que de forma insuficiente. No entendimento do trabalhador, suas horas de trabalho não tem o sentido de tecer, fiar, minerar, construir, mas o de ganhar um salário que lhe permita comer, morar e dormir (ASBAHR, 2014, p. 269).

Para satisfazer suas necessidades vitais no modo de produção capitalista, o homem é forçado a vender a sua força de trabalho e alienar-se. A alienação do trabalho, desumaniza o homem, transformando-o em uma máquina repetidora de esforços, que visa à busca incessante de acúmulo de capital no qual afasta o trabalhador do produto final. Nesta divisão do trabalho, no qual o trabalhador se especializa apenas em uma parte da produção, buscando o aumento da produtividade e o lucro pelos donos dos meios de produção, a compreensão do trabalho como princípio educativo se rompe e este passa a ser elemento de alienação (Marx, 1964).

Para Marx (1964), nesta sociedade capitalista, os produtos do trabalho e o próprio processo de trabalho mostram-se como uma atividade ou um objeto estranho ao trabalhador. Tem-se a desrealização do trabalhador. Se a atividade de trabalho lhe é estranha, os resultados a que dela provêm ser-lhe-ão alheios. Isso significa que o trabalhador, nesse modo de produção, não reconhece o trabalho como parte de sua humanização, ao contrário, vê no trabalho a sua desumanização.

Se o homem reconhecer o trabalho somente como algo obrigatório e necessário à sobrevivência e aquisições deixa de perceber esse mesmo trabalho como a categoria integradora, pela qual pode criar e reconhecer-se enquanto indivíduo e ser social. O homem, alienado, torna-se apenas um produtor e consumidor de capital, deixando de buscar sua identidade nas atividades que executa. Deixa, então, de atribuir significados e sentidos positivos ao seu fazer (TOLFO; PICCININI, 2007, p.45).

Uma vez alienado, o sujeito perde-se do motivo real de suas ações, onde a sua consciência se desintegra e se fragmenta resultando na ruptura dos sentidos e significados verdadeiros do trabalho e em sua vida, gerando adoecimento físico e psicológico (ASBAHR, 2014).



Para que haja uma vida dotada de sentido, é necessário que o indivíduo encontre na esfera do trabalho o primeiro momento de realização. Se o trabalho for autodeterminado, autônomo e livre, será também dotado de sentido ao possibilitar o uso autônomo do tempo livre que o ser social necessita para se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo (TOLFO; PICCININI, 2007, p.40)

O ser humano, perdendo o sentido e o significado do seu trabalho, não o realizará como fonte de realização humana, mas sim, com o sentimento de opressão, de esforço e angústia.

O sentido e o significado da educação escolar para a formação humana

Diante da evolução humana, o homem para garantir sua evolução não está sujeito ao processo lento das mudanças biológicas, ele apenas utiliza-se da cultura. Diante dessa afirmação, o homem está plenamente em desenvolvimento do seu biológico, para desenvolver-se culturalmente, no entanto, não quer dizer que o homem está alheio às mudanças biológicas hereditárias. Deve-se ficar claro, que as mudanças biológicas não determinam os avanços sócio-históricos e culturais de uma sociedade e do próprio homem (LEONTIEV, 1978).

O ser humano não se ausentou das modificações e aquisições desde o início da espécie humana, entretanto, para que pudessem crescentemente evoluir, era necessário passar de geração em geração essas aquisições, sendo necessário que se fixassem, tornando-os fenômenos externos da cultura por meio do trabalho (LEONTIEV, 1978).

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos as máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolve-se a ciência e a arte (LEONTIEV, 1978, p.263).

O homem transforma a natureza e se adapta a ela conforme suas necessidades físicas, psicológicas e intelectuais. Para isso, criam moradias para se proteger do frio, dos animais selvagens e predadores, criam máquinas e equipamentos para facilitar o manuseio e a



produção de produtos e principalmente, criam símbolos e códigos para que haja entendimento e comunicação entre a população. Nestes símbolos, como por exemplo, a escrita, pode-se considerar como um meio de repassar para as próximas gerações, tudo o que foi produzido, todos os avanços tecnológicos e sociais (como também os retrocessos). Conseqüentemente, as próximas gerações formam-se diante da aquisição das produções anteriores.

Observe esse caso de H. Piéron citado por Leontiev (1978) em sua obra:

A tribo dos Guayaquils, no Paraguai, é das mais primitivas que se conhecem atualmente. A sua civilização é chamada civilização do mel porque um dos seus meios de subsistência é a recolha do mel das abelhas selvagens. É difícil entrar em contato com eles, pois não tem lugar de habitação fixa. Assim que os estrangeiros se aproximam, fogem para os bosques. Mas conseguiu-se um dia apanhar uma criança desta tribo com sete anos de idade. Pode assim conhecer-se a sua língua que se verificou ser extremamente primitiva. Noutra vez, o etnólogo francês Vellard encontrou uma menina de dois anos num acampamento abandonado pela tribo. Confiou a sua educação à mãe dele. Vinte anos mais tarde (em 1958) ela em nada se distinguia no seu desenvolvimento das intelectuais europeias. Dedicou-se à etnografia e fala francês, espanhol e português (LEONTIEV, 1978, p.264).

Note que essa citação apenas confirma que as características de ser humano não são definidas por hereditariedade biológica, mas sim pela cultura, pelas criações decorrentes dos ancestrais. Essa apropriação acarreta em uma reorganização dos sistemas naturais do homem e no desenvolvimento das faculdades superiores, ou seja, a criação de novas características, qualidades, competências e habilidades psíquicas. Por essa razão, o ser humano é capaz de se adaptar às condições existenciais. Todavia, para que a apropriação ocorra é necessária a interação comunicativa do homem com outros homens (desde a infância), caracterizando assim, um processo de educação (LEONTIEV, 1978).

É inevitável, a importância dessa relação comunicativa entre os homens, pois se em uma população, só houvesse crianças, sem contato com as gerações passadas, tornaria impossível que adquirissem e continuassem a história. Em razão de não haver comunicação e a relação com as gerações passadas, as produções anteriores não teriam significado e sentido. Ou melhor, dizendo, “o movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação” (LEONTIEV, 1978, p. 268).

Quando pensamos em seres humanos, fica claro que vivemos diante de nossas diferenças físicas, psicológicas, econômicas e sociais. Isso também ocorre na aquisição da cultura, ficando evidentes as desigualdades nas condições materiais e intelectuais e no



desenvolvimento de atividades psíquicas superiores. Esses contrastes são produtos da desigualdade econômica e da desigualdade de classes formados no decorrer da história.

Conforme Leontiev, (1978, p. 269):

A concentração de riquezas materiais nas mãos de uma classe dominante é acompanhada de uma concentração da cultura intelectual nas mesmas mãos. Se bem que as suas criações pareçam existir para todos, só uma ínfima minoria, tem o vagar e as possibilidades materiais de receber a formação requerida, de enriquecer sistematicamente os conhecimentos e de se entregar à arte; durante este tempo, os homens que constituem a massa da população, em particular a população rural, tem de contentar-se com o mínimo de desenvolvimento cultural necessário à produção de riquezas materiais nos limites das funções que lhe são destinadas.

Tendo em suas mãos o controle dos meios de produção de cultura e condições financeiras e intelectuais para adquiri-los, a classe dominante manipula esse meio garantindo estratificação de seu poder controlando quem poderá acessar a cultura, que de fato seriam os mais abastados. Dessa maneira, criam-se barreiras artificiais que afastam a maior parte da população, que não tem condições financeiras de comprar, os bens culturais, tornando-os alienados culturalmente.

Leontiev (1978) apresenta que “esta alienação provocou uma ruptura entre, por um lado, gigantescas possibilidades desenvolvidas pelo homem e, por outro, a pobreza e a estreiteza de desenvolvimento [...]” significa dizer que, a dificuldade do homem em romper com as barreiras sensacionalistas e de miséria cultural e intelectual, são desmedidas e sufocantes.

De fato, o avanço da sociedade e o avanço nas práticas sócio-históricas acarretam diretamente na importância do papel da escola e na complexidade de sua tarefa de transmissão. A escola dispõe da importante função de transmitir os conhecimentos acumulados historicamente, tornando compreensíveis os significados e sentidos dos conhecimentos e instituindo o sentido apropriar-se dos conhecimentos mais elevados culturalmente.

Leontiev (1978) descreve ser imprescindível que a formação humana seja integral, que abranja todos os aspectos, o físico, o psíquico e o intelectual. Ainda ressalta que repetidamente, o conteúdo não é compreendido pelo indivíduo, por ele não entender o porquê de estar aprendendo e para que lhe servirá aquele conteúdo, ou seja, não há o real sentido da apropriação.



Ela pode explicar racionalmente porque estuda e falar com convicção sobre esse tema, mas isso não significa que a atividade de estudo tenha um sentido pessoal coincidente com a sua significação social. O que garante a conscientização daquilo que foi estudado é o sentido que tem as ações de estudo para o estudante, e para que a ação tenha sentido, seu fim deve ir ao encontro do motivo da atividade. Isto significa que a aprendizagem consciente se efetiva quando os conhecimentos são vivos para o sujeito, ocupam um lugar na sua vida real, tem um sentido vital, e não são somente respostas a condições externas, impostas por outras pessoas ou situações (ASBAHR, 2014, p. 271).

Os sentidos exercem no indivíduo a ampliação das significações na formação do pensamento compreensivo, relacionando a sua vivência com a ciência. O sentido é relevante para a educação escolar, visto que fornece a compreensão do motivo da aprendizagem, mas também conduz o entendimento de como o homem age, sente, pensa e escolhe (ASBAHR, 2014).

Diante desse debate, observamos a importância do cumprimento da função social e histórica da escola pública como espaço de socialização da cultura sistematizada. Para tanto é preciso considerar que no contexto atual do século XXI, muitas são as formas de descaracterização da função social da escola. As políticas curriculares aprovadas recentemente com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) é um claro exemplo dos rumos que se pensa para a educação da classe trabalhadora, ou seja, há elementos que dificultam um compromisso concreto com uma formação integral, sustentada pelos conteúdos escolares historicamente sistematizados. Na proposta aprovada, há a exclusão destes com a justificativa de adaptar a formação da juventude à sociedade da informação, cujo objetivo maior distancia a classe trabalhadora de avançar epistemologicamente e ocupar espaços de poder de decisões na sociedade.

A defesa de uma educação escolar pública, que prepara para a vida passa pela compreensão da importância da apropriação dos conteúdos escolares como meios imprescindíveis para garantir a democratização da sociedade e dos bens que ela cultiva. A efetivação de tal objetivo é parte do nosso entendimento quanto à função deste espaço formativo, cujo sentido e significado de existência, se expressa na socialização daquilo que de melhor a humanidade produziu.

Trabalho docente na universidade pública: sentidos e significados das práticas em contexto de precarização do trabalho



O trabalho, como já citado anteriormente, compreende-se pela busca do homem em transformar a realidade natural, visando atender às necessidades e expectativas de sobrevivência. Para que o trabalho tenha sentido é de extrema importância que seja útil, permita ao trabalhador identificar-se, que tenha consciência do processo de produção e o conhecimento do produto final (HACKMAN; OLDMAN, 2005 apud KILIMNIK et al., 2015, p.08). O trabalho vai além de contribuir para o desenvolvimento individual, ele contribui para a sociedade como um todo, por meio da socialização do ser humano. (CAVALHEIRO; TOLFO 2001 apud KILIMNIK et al., 2015, p.06).

No trabalho, o homem compartilha valores, costumes, desejos, entre outros, que são mediados pela educação, agindo diretamente em sua personalidade, na construção de sua identidade, modificando e adaptando a vida e a natureza (FERNANDES; ZANELLI, 2006 apud KILIMNIK et al., 2015, p. 07).

A valorização profissional é um aspecto importante para a construção do sentido do trabalho, de forma que o trabalhador ao sentir prazer na realização do seu ofício, agirá diretamente na promoção de sua qualidade de vida.

Então, a centralidade do trabalho pode ser entendida como o nível de importância que o indivíduo atribui ao trabalho em sua vida, sendo este nível influenciado por valores próprios de cada pessoa e que ao longo do tempo podem sofrer alterações (KILIMNIK et al., 2015, p. 11).

O desenvolvimento desse estudo ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica, com a análise de depoimentos de docentes sobre as condições de trabalho na universidade e na educação básica da rede pública, mostrando em partes, como as categorias sentidos e significados estavam presentes no cotidiano dos professores. Como resultados desse estudo, pode-se verificar que o professor, de modo geral, enfrenta a desvalorização do seu trabalho, resultante da precarização do trabalho, ocasionando adoecimento, cansaço, baixa autoestima e outros. Entendemos que o trabalho realizado pelo docente deveria garantir o reconhecimento e a valorização de seu trabalho, mas o que ocorre é totalmente o oposto.

A falta de salários justos aliados à sobrecarga de trabalho que realiza, muitas vezes, vai além do ambiente de trabalho. Além disso, o descaso com o trabalho docente continua, pois acrescenta-se aos problemas, a falta de uma infraestrutura adequada à realização de suas atividades.



Com isso, os sentidos dados ao trabalho na universidade são mediados de acordo com o tipo de sociedade que vivemos. Na sociedade capitalista, a produção da vida humana é orientada pela luta em prol da sobrevivência, não a coletiva, e sim a individualizada. Nessa direção o trabalho na universidade não é diferente, se assemelha muito às práticas individualistas que apregoam a necessidade da concorrência, da competitividade e do individualismo.

Há muitos cortes no financiamento das agências e também é muito competitivo. Então, as pessoas que conseguem bolsas para pós-doutorado, bolsas de edital universal, edital de ciências humanas, é muito competitivo, então, o número de pessoas que têm conseguido é cada vez menor, até em virtude dos cortes nas agências. A política de desenvolvimento científico-tecnológico ou de formação do corpo docente da instituição não tem respondido, porque é uma luta muito individual de cada pesquisador, de cada professor e não tem muito incentivo também, não é muito valorizado. Por exemplo, as conquistas não são muito consideradas na instituição, então, os professores que têm alguma produção maior, ou que conseguem algum financiamento, ou que conseguem se destacar em alguma coisa não têm muita valorização na instituição (Professor do Ensino Superior).

Com esses pressupostos a orientar o trabalho docente, o sentido do trabalho enquanto possibilidade de evolução da humanização do homem se confronta com os interesses do capital e não se realiza. Ou seja, crava-se o elemento da contradição entre o sentido do trabalho e a possibilidade concreta de viabilização da formação humana de modo omnilateral.

No que concerne aos significados, entendemos que estes estão presentes nas práticas docentes por meio de diferentes formas de valoração do trabalho, no entanto, esses significados também são permeados pelos interesses do capital quando captura a subjetividade do trabalhador ao induzi-lo a elementos de concorrência, competitividade e individualismo no ambiente de trabalho, descaracterizando o sentido formativo do trabalho para a formação humana. O depoimento de um pedagogo é revelador dessa contradição:

[...] não tem [parcerias], é você e você, não tem, por mais que você esteja em boa escola, por mais que você tenha uma boa equipe [...] (Pedagogo da Educação Básica).

O trabalho docente pode ser entendido com a relação do profissional com a instituição de trabalho. As universidades aumentaram as exigências na realização de pesquisa e produção científica (KILIMNIK et al., 2015, p.13). Portando, tantas obrigações e exigências dentro do trabalho, o docente se sente obrigado a realizá-lo fora de seu expediente.



Revista Pedagogia – UFMT

Número 10

Jan/Jun 2019

Ainda no período fora das 40 horas que a gente tem na universidade é o período de realização de pesquisa, de elaboração de artigos, então, a carga horária é muito intensa e é para além das 40 horas de trabalho que você tem, contando aquilo que é incluído na conta, que são, preparo, pesquisa, colegiado e algumas atividades administrativas que são incluídas no mapa de aulas, mas muita coisa fica fora. (Professor do Ensino Superior)

Ainda ontem, meu esposo me disse: Nossa... como aumentou nos últimos anos seu tempo de trabalho, não tem tempo para mais nada. Invade a vida familiar e muito, muitos finais de semana são tomados de atividades da universidade que não podemos nos desvencilhar. (Professor do Ensino Superior)

O professor universitário enfrenta a desvalorização de seu trabalho, resultante da precarização do trabalho docente, ocasionando muitas vezes, o adoecimento, o cansaço, a falta de autoestima. Conciliando a sua vida pessoal com o trabalho, conforme Nogueira (2006 apud KILIMNIK et al., 2015, p. 14), existem três classes de docentes, os de tempo integral, em tempo parcial e os horistas. Em geral, o profissional em tempo integral deve cumprir uma carga horária de 40 horas semanais, podendo assumir cargos administrativos e de coordenação dentro da universidade, podem receber financiamento para a produção de pesquisa científica, há estabilidade na instituição. No entanto, não podem ter outros vínculos empregatícios.

Com o professor de tempo parcial, sua carga horária é de 20 horas semanais, há uma menor exigência na produção de trabalhos e pesquisas, podendo lecionar em diversas instituições. Entretanto, não há financiamentos de pesquisa e estabilidade no emprego. O professor horista, é contratado pela instituição somente para ministrar horas-aulas, independente da carga horária, e também não é obrigado a realizar pesquisa.

Nesse contexto de precarização do trabalho docente nas escolas de educação básica como nas universidades públicas, diante dos depoimentos, podemos perceber que os sentidos do trabalho passam a ser orientados por uma cultura produtivista. Uma cultura que espera do professor postura polivalente diante das inúmeras atividades que esse profissional deve assumir no cotidiano.

[...] o Professor e a Professora são seres humanos que assimilam, produzem e reproduzem as lógicas da sociedade capitalista e que, humanamente se contradizem muitas e muitas vezes nas relações capital/trabalho e sujeito/objeto, relações postas por um modo de produção de capital que vê a escola como mais um subproduto a serviço do capitalismo transnacional, desconsiderando sua função de instituição social plena de sentidos e significados emancipatórios e humanizatórios (PITON, 2007).



A ação profissional do docente é resultado de um processo de valorização do capital, da competitividade, da individualidade, ou seja, do próprio sistema capitalista. Baseando-se nesse cenário em conjunto com os depoimentos coletados, verificamos que a atual organização do trabalho docente, contribui para ser uma ação de sacrifício, por vezes até um desprazer.

A precarização do trabalho, dilemas enfrentados diariamente como, a falta de infraestrutura e de material didático, salários baixos, a indisciplina e principalmente o acúmulo de tarefas, acomete diretamente na saúde física e mental dos professores. No depoimento abaixo, pode-se visualizar parte dessa condição:

Nossos professores estão todos doentes, eu já tive problema de saúde grave, fiquei afastado do trabalho em decorrência do trabalho, eu tenho problemas de ombro da questão de locomoção [...]. E o pior que eu tive problemas neurológicos e aí o tanto de professores que gente vê com problemas de saúde tanto no SAS como nessas clínicas psiquiátricas de Londrina é incrível, que eu fui tratado em duas clínicas e eu vi a fila de professores lá, e às vezes professor muito jovem, que acabou de sair do estágio probatório que está com 4, 5 anos de estado. (Professor da Educação Básica).

Antunes (2009) apresenta-nos uma explicação acerca do trabalho e do tempo livre. Assim sendo, torna-se evidente que para haver sentido no trabalho é imprescindível que o tempo de descanso disponha também de sentido. Em suma, é improvável conciliar o tempo alienado com o tempo livre. Ao carregar trabalho para casa, consoante aos depoimentos, o desgaste físico e mental do professor, apresenta como consequência, a perda do sentido em sua ação.

Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará maculada pela desefetivação que se dá no interior da vida laborativa (ANTUNES, 1995 apud ANTUNES, 2009, p. 173).

Conclusão

Considerando o conceito de sentidos e significados, no qual o sentido corresponde ao motivo individual para a realização de uma ação, e o significado condiz a uma construção generalizada das relações humanas e das ações conjuntas com o meio que o rodeia, concluímos que ainda há muito por apropriar-se.



Percebemos que nos últimos dez anos há uma clara intensificação do trabalho docente nas universidades, fato que acarreta dificuldades na promoção dos sentidos e significados do trabalho como elementos formadores de sujeitos preparados conceitualmente para a atividade da docência.

Sendo o trabalho uma forma de ação coletiva e especificamente humana, entendemos que quando este passa a ser descaracterizado do seu real sentido (trabalho como princípio formativo), convivemos com o perigo da utilização pelo capital como elemento de exploração e alienação (SAVIANI, 2005).

O docente ao alienar-se diante de seu trabalho, realizando-o de forma automática, perde o motivo para sua realização, ou seja, está perdendo o verdadeiro sentido. Ao perder o sentido, acarreta diretamente na perda também do significado de seu trabalho, não compreendendo-o como fonte de realização humana, mas sim, com o sentimento de opressão, de esforço e angústia, propiciando situações de adoecimento.

Percebemos ao final dessa pesquisa que há elementos que colaboram para a perda de sentidos e significados para o trabalho docente visando a formação humana deste profissional, dentre eles, destacamos: a falta de condições e tempo necessário para a preparação de aulas e correções de provas e trabalhos; exigências desmedidas de produção e desempenho acadêmico; desvalorização da carreira por meio de baixos salários e ataques constantes a direitos já adquiridos (aposentadoria).

Esses elementos são partes de um processo de desqualificação da educação formal pelo modelo de sociedade capitalista, cujos interesses imediatos estão na destituição de qualquer forma de emancipação do sujeito, de modo a conservar as relações de poder de modo desigual entre as classes sociais, mantendo a divisão de classes e conseqüentemente a desigualdade social.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, SP: Editora Boitempo, 2009.



Revista Pedagogia – UFMT

Número 10

Jan/Jun 2019

ASBAHR, F. da S. F. Sentido pessoal, significado social e actividade de estudo: uma revisão teórica. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, SP. V.18, n.2. maio/ago, 2014.

KILIMNIK, Z. M. et al., 2015. O significado do trabalho: um estudo com professores de administração em uma universidade. **Revista Lugares de Educação [RLE]**, Bananeiras, PB, v. 5, n.11, p. 3-27, Ago-Dez., 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>>.

LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARTINS, M. S. C. O fetichismo do indivíduo e da linguagem no enfoque da psicolinguística. In: DUARTE, Newton (org). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 195-218

PITON, I. M. Sentidos e significados do trabalho docente: ser professor, ser professora. In: **Reunião Anual da ANPAE - Por uma Escola de Qualidade para Todos**, 2007, Porto Alegre. Cadernos ANPAE, 2007.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. São Paulo, SP: Autores Associados, 2005.